O DIÁRIO DE ADÃO E EVA

ÍNDICE

Págs.

O Diário de Adão e Eva .. 5

A Última Cabeçada 131

MARK TWAIN

O DIÁRIO DE ADÃO E EVA

LUÍS ALARCÓN

A ÚLTIMA CABEÇADA

NOVELA ALEGRE, MAS MORAL

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.
Praça da Sé, 47 - Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 35-6080
SÃO PAULO

1.ª edição — março de 1959

Todos os direitos reservados

PREFÁCIO DE ADÃO

Eu devia considerar que ela é muito jovem, uma criança realmente e fazer-lhe uma concessão... Vejo-a curiosa, vivacíssima e cheia de avidez. O mundo surge-lhe como prodígio, maravilha, mistério, encantamento. A alegria exalta-a quando encontra uma flor desconhecida; não pára de a acariciar,

de a admirar, de a respirar, de lhe falar, dirigindo-lhe mil nomezinhos ridículos.

É louca pelas côres: os rochedos escuros, a areia amarela, os musgos acinzentados, as folhas verdes, o céu azul, a aurora perlada, as montanhas violetas, as ilhas douradas que flutuam sôbre mares purpúreos na hora do poente, a lua esmaecida que deslisa através das estrias irisadas das nuvens, os diamantes estelares que faíscam nas noites calmas... tudo isso a entusiasma.

Tanto quanto posso julgar, essas coisas não têm valor prático, mas porque há nelas um pouco de côr e uma certa majestade, é o bastante para que ela se exalte.

Seria espetáculo confortador vê-la parada e tranqüila durante dois minutos seguidos.

Creio que então gostaria de a olhar. Sim, era provável que assim sucedesse, pois atualmente já percebo que é uma criatura notàvelmente bela: é esbelta, bem proporcionada, ágil, cheia de

graça e de harmonia... Certa vez ela ficou de pé sôbre um rochedo, atirando para trás a sua pequena cabeça e abrigando os olhos com as mãos para acompanhar melhor o vôo dos pássaros. Olhando-a e achando-a linda, experimentei um sentimento novo.

Não vi ainda no mundo alguma coisa que não a interesse.

A mim são-me indiferentes os animais, mas para ela, não. Não tem nenhum discernimento: acolhe a todos,

a todos se afeiçoa e acredita-
os tesouros.

Quando o enorme bronto-
sáurio chegou a largas pas-
sadas em nosso acampamen-
to, ela o considerou como
uma aquisição preciosa, en-
quanto a mim me parecia
uma calamidade. Vale êsse
episódio exemplo da falta de
harmonia que vai entre nós.
Ela desejou domesticar o
animal e eu só pensei em
abandonar meu abrigo e fu-
gir. Ela acreditava que o do-
maria, tratando-o bem, de
modo a transformá-lo num

animal doméstico: eu pensava que um animal doméstico de 21 pés de altura e 84 de extensão conviria pouco em nossos domínios, pois, com as melhores intenções do mundo e completamente alheio ao mal, poderia sentar-se sôbre a palhoça como eu o faço num gafanhoto... coisa que me acontece, e que diverte pelo menos a mim mesmo.

Entretanto ela se interessara por êsse projeto de possuir o monstro, e nada a de-

movia. Pensava mesmo em organizar uma grande leiteria, e queria que eu a auxiliasse a ordenhar o animal, mas não mostrei boa vontade, temendo os riscos excessivos. E depois, como lhe observei, tratava-se de um macho...

Então mudou de idéia e quis subir no animal para contemplar a paisagem. Parte da cauda do monstro, cerca de 30 a 40 pés, descansava no solo como um tronco de árvore derrubada... Ela

acreditava poder subir por alí até o dorso do colosso; enganava-se, porém; e mal chegou ao ponto em que a cauda, inclinando-se, afastava-se do chão, escorregou, e ter-se-ia certamente ferido na queda se eu não a amparasse.

Estava satisfeita? Não. Só a experiência a satisfaz. Não a interessavam as teorias inexperimentadas. Há nisso muita inteligência, concordo; e essa qualidade me seduz e faz com que me deixe influir

por ela. Se ficasse mais tempo perto dela, essas coisas acabariam por me interessar.

Por exemplo, havia nela ainda uma outra idéia a propósito do colosso: pensava que nós poderíamos domesticá-lo o suficiente para que êle se mantivesse dentro do rio, de modo a servir-nos de ponte.

Quando o julgou perfeitamente domado, ensaiou realizar sua idéia e... nada obteve. Cada vez que o colocava convenientemente no

rio e que se dispunha subir, êle voltava-se e a seguia como um animalzinho muito domesticado, um cão, ou outro qualquer... que todos êles fazemos assim mesmo...

O DIÁRIO DE EVA

Sábado — Minha idade é de quase um dia. Cheguei ontem... É pelo menos o que eu creio, e deve ser assim mesmo, porque se houve um anteontem, não estava eu presente. Lembrar-me-ia dêle, talvez... Mas é também possível que tenha havido, sem que o notasse... Pois bem, de ora avante prestarei

atenção, e se sobrevém "ante-ontem", eu o anotarei. É preferível começar bem e não deixar que minha memória se atrapalhe. Uma intuição me adverte de que êsses pormenores algum dia terão a sua importância...

Considero-me como um ensaio. Sim, percebo que se faz de mim experiência... É impossível ter melhor a sensação clara de que se vale apenas uma experiência, um ensaio, nem mais, nem menos.

Então, sendo isso verdade, minha existência constitui a totalidade da experiência? Não, não o creio. Penso que tôdas as outras coisas participam da experiência, de que eu sou uma parte, a mais importante, sim, mas evidentemente tudo se ensaia ao mesmo tempo que eu... Estará garantida minha situação atual, ou convirá atenção ou resguardo? Inclino-me para essa última opinião.

Algo me adverte de que para vencer precisamos de uma vigilância permanente.

Acho as coisas mais em ordem do que ontem. Pela precipitação com que foram concluídas, algumas montanhas ficaram mais altas do que outras e planícies houve, por tal modo cheias de sobras, que deixam uma impressão lamentável. Nunca deveriam ultimar-se apressadamente obras de arte nobres e lindas, e êsse grande mundo novo é por certo majestoso e belo. É quase perfeito, apesar da rapidez de sua fabricação. Há excesso de estrêlas nuns pontos e

falta noutros, mas acredito que se possa dentro em pouco reparar êsses defeitos. A lua, ontem à tarde, despren-
deu-se e deslisou até o extremo do céu e caiu... Perda imensa! Só de pensar nisso parte-se-me o coração. Nenhum ornamento se lhe podia comparar pela beleza e pelo acabado de sua feitura. Deviam tê-la segurado mais fortemente... Se pudéssemos ao menos tornar a pregá-la!

Não se pode saber onde caiu... E mesmo quem a

achar a esconderá. Eu faria o mesmo. Conquanto honesta compreendi, entretanto, que a essência de minha natureza, consistindo em amor apaixonado pelo belo, não seria prudente confiarem-me uma lua de que não se soubesse notícia. Sinto-me capaz de restituir uma lua encontrada de dia, receiosa de que alguém me houvesse visto; mas se a achasse no escuro, estou certa de que inventaria desculpas para sonegá-la.

Sim, adoro as luas. São tão lindas e poéticas! Delas que-

ria cinco ou seis; não dormiria mais, e não me cansaria de as olhar, deitada na relva dos taludes.

As estrêlas também são lindas. Gostaria de obter uma para pôr nos meus cabelos; mas receio que nunca o realize. Surpreendo-me ao descobrir que estão muito afastadas, pois parecem próximas. Quando as ví pela primeira vez, ontem à noite, ensaiei derrubar ao menos uma, com o auxílio de uma vara longa, e nem as atingi, o que muito me es-

pantou. Depois ensaiei pedradas até ficar extenuada, e não tirei nenhuma estrêla. Verdade que sou desastrada e não posso atirar coisa alguma longe e certo. Mas, atendendo ao desvio e visando de lado a estrêla que eu desejava atingir, não tocava coisa alguma... E, no entanto, joguei pedradas muito firmes, porque vi várias vêzes o ponto negro da pedra vogar exatamente em meio dos grupos dourados e tocá-los; se a pedra tivesse continuado a sua trajetória mais

um pouco eu teria conseguido derrubar alguma estrêla!

Diante do insucesso, chorei, o que acredito ser muito natural em pessoa da minha idade; depois, quando havia descansado um pouco, segurei um cesto e me pus a caminho para o extremo do semi-círculo, no local em que as estrêlas estão muito menos altas e perto da terra, de modo que eu pudesse alcançá-las com a mão. Assim seria melhor, porque as poderia tirar delicadamente, evitando quebrá-la. Mas o têr-

mo do círculo estava mais longe do que eu pensava e tive que renunciar ao meu projeto. Estava tão cansada, que não poderia dar um passo, sentia os pés machucados e doloridos.

E não podia voltar para casa. Era longe, e começava a fazer frio. Mas encontrei tigres, e me abriguei entre as suas patas. Estava admiràvelmente bem! Êles tinham o hálito doce e perfumado, pois só se alimentavam de morangos. Antes, eu nunca vira tigre, mas os reconheci

imediatamente pelas suas listras. Que lindo vestido poderia fazer, se tivesse algumas dessas peles!

*

Hoje, começo a apreciar melhor as distâncias. Até agora desejava extremadamente segurar objetos lindos que se achavam às vêzes muito longe, e outras vêzes a algumas polegadas, conquanto me parecessem a dois ou três covados... e separados de mim — ai! — por es-

pinhos! Aprendi a minha lição, e fiz o meu primeiro provérbio: "Experiência picada teme o espinho". Para a minha idade penso que está ótima a sentença.

Ontem à tarde segui à distância a outra experiência, procurando para que serve. Mas não consegui descobrir. Encontrei-lhe um nome: *homem*. É a palavra que me sugere e vai admiràvelmente. Verifico ter mais curiosidade por êle do que por qualquer réptil... Se é que se trata de um réptil, como suponho,

desde que tem cabelos frisados, olhos azuis e se parece muito com um réptil. Não tem quadrís. É alongado e fino como um nabo. Anda com as duas pernas afastadas, ao jeito dos ursos. Penso por isso que é um réptil... a menos que seja um novo animal.

A princípio eu o temia, fugindo cada vez que êle se voltava, acreditando que me perseguiria, mas pouco a pouco descobri que só pensava em afastar-se. Então perdi a timidez, e acompa-

nhei-o durante horas. Êle ficou nervoso e descontente, irritou-se por fim, trepando a uma árvore. Esperei-o algum tempo, mas depois o abandonei, regressando à casa.

Hoje, foi a mesma aventura. Fi-lo novamente encarapitar-se na árvore.

Domingo — Êle está sempre lá no alto. Em aparência descansa, descansa, mas talvez seja subterfúgio. O domingo não é dia de repouso, pois para isso foi designado

o sábado... Ademais, essa criatura parece mais ocupada com o descanso do que com o resto. A mim me fatigaria tanto repouso!

Já me cansa ficar sentada ao pé dessa árvore vigiando o réptil. Indago de mim para que serve êle. Não faz nada!

Repregaram a lua na noite passada. Fiquei muito contente e achei o ato gentil. Vejo que ela se inclina e caíra novamente, mas não me inquieto, nem há para isso motivo, quando tenho vizinhos tão bons: êles a re-

pregarão ainda. Gostaria de lhes testemunhar o meu reconhecimento, enviando-lhes algumas estrêlas, que nós as temos aqui em excesso. Devia dizer "eu as tenho", porque não me parece que aquele réptil se preocupe com essas coisas.

Êle tem gostos vulgares, e não é bom. Quando o fui ver ontem, ao cair da noite, êle descera da árvore e procurava agarrar peixinhos mosqueados que brincavam no riacho. Precisei atirar-lhe torrões de terra para obri-

gá-lo a subir à árvore, e deixar tranqüilos os animaizinhos.

Pergunto-me com serieda-de para que serve essa criatura. Não terá coração? Não terá compaixão dos seus humildes semelhantes? Terá sido inventado e fabricado para um trabalho tão cruel? Parece que sim.

Um dos meus torrões de barro alcançou-lhe a orelha, e a criatura emitiu sons semelhantes à palavra... Estremeci por ser a primeira vez em que ouvia palavras

que não fossem as minhas. Não as compreendi, mas se me afiguraram muito expressivas.

Agora que descobri que o réptil podia falar, senti maior interêsse por êle, porque eu gosto de falar: falo durante todo o dia, acordada ou dormindo. Sou muito interessante, mas se tivesse alguém com quem falar, sê-lo-ia ainda mais, e não me interromperia.

A propósito! Esqueci que denominara o réptil "homem..." Por que não o cha-

marei assim? Se é homem, chamá-lo-ei homem!

No domingo seguinte. — Segui-o durante tôda a semana, e ensaiei travar conhecimento com êle. Conversei sòzinha, por causa de sua timidez. Não faz mal. Pareceu-me contente por me ver perto dele e servi-me constantemente da palavra "nós", que evidentemente o alegrava.

Quarta-feira. — Vai tudo muito bem e de melhor a melhor! Pouco avançam as

nossas relações. Êle não mais ensaia evitar-me. Bom sinal. Mostra-se até muito contente com a minha presença, o que me alegra. Faço tudo que posso para lhe ser agradável e conquistar a sua estima.

Durante êstes dois ou três últimos dias, encarreguei-me de todo o trabalho de designar as coisas, no intuito de lhe poupar esforço. Evidentemente lhe faltam predicados para o ofício, e creio-o reconhecido à minha iniciativa. Êle não encontraria al-

gum nome racional ainda que para salvar a própria existência, mas não deixo perceber que advinho a sua incapacidade. Quando enxergamos uma nova criatura, dou-lhe o nome, antes que êle tenha tempo de comprometer-se com um silêncio desastrado. Quanto embaraço lhe tenho assim evitado! Não há no meu espírito o defeito do dêle. No mesmo instante em que os meus olhos divisam um animal, sei qual é. Não reflito um minuto; o único nome possível acode-

-me imediatamente... como numa inspiração. E sem dúvida trata-se disso, porque estou certa de que a palavra, um segundo antes, ainda não existia em minha mente. Pela forma do animal e pelo modo de apresentar-se, é que descubro o nome.

Quando veio o pelicano êle pensou que era um ganso selvagem. Percebi-os nos seus olhos. Salvei-o, atenta em não o melindrar. Fiz sòmente gritar num tom de surprêsa agradável e sem parecer que lhe queria ensi-

nar alguma coisa. "Oh! meu Deus, eis o pelicano!" Depois expliquei-lhe, ainda sem o parecer, como já havia visto o pelicano e conquanto algo aborrecido, porque eu o houvesse precedido, êle seguramente me admirou.

Tudo isso me foi muito agradável, e recordei-o com satisfação várias vêzes antes de dormir. Com tão pouco nos sentimos felizes, desde que o mereçamos!

Quinta-feira. — Meu primeiro desgôsto...

Ontem, êle evitou-me e parecia desejoso de não me ouvir falar. Por que se tornou êle mau para comigo, desde que nada lhe fiz?

Rendi-me à evidência. Sentei-me então sòzinha no lugar em que o encontrei pela primeira vez, no dia de nossa chegada ao mundo, quando eu não sabia o que êle era e me deixava ficar indiferente. O lugar é agora melancólico; tudo me fala dêle, e sinto o coração opresso. Ignoro o motivo, porque é êsse um sentimento novo,

inexperimentado, e há em tudo isso um mistério que não alcanço.

Quando anoiteceu tornou-se-me insuportável a solidão. Dirigí-me ao novo abrigo, que êle construiu, para lhe perguntar que mal lhe fizera e como poderia repará-lo, reconquistando a sua estima... mas êle expulsou-me... e foi o meu primeiro desgôsto.

Domingo. — Tudo está novamente alegre. Sou feliz!... mas passei dias poucos amá-

veis, e nos quais penso o menos que posso.

Ensaiei derrubar maçãs para êle, mas não acerto. Todavia, creio que a minha boa intenção o satisfaz. São proibidas essas frutas, e êle diz que eu serei punida... Mas se arrisco o mal no esfôrço para lhe ser agradável, por que receiarei o mal?

Segunda-feira. — Disse-lhe de manhã o meu nome, esperando que o interessasse. Êle não prestou atenção. É estranho... Se me dissesse

o seu, eu prestaria atenção. Creio mesmo que seu nome soaria mais docemente aos meus ouvidos do que qualquer outro...

Êle fala pouquíssimo, talvez porque não seja inteligente e não o queira confessar... É pena. O espírito vale pouco diante de um bom coração. Oh! queria fazer-lhe compreender que um coração amante é uma riqueza suficiente sem a qual vale pobreza a maior inteligência!

Apesar de falar pouco, êle

conhece um vocabulário consideravel. Hoje pela manhã usou uma palavra perfeitamente justa. Sem dúvida êle próprio reconheceu a correção do têrmo e repetiu-o duas vêzes. O modo como o usou foi algo desusado, mas vejo enfim que não é desprovido de compreensão e pode progredir, desde que bem orientado... Onde pegou aquêle vocábulo? Eu mesma nunca o usara...

Mas ainda êle não prestou atenção ao meu nome. Procurei ocultar o meu desa-

pontamento, mas creio que não o consegui. Afastei-me dali e sentei-me num talude de musgo, com os pés dentro dágua. É para onde vou quando tenho ânsia de companhia, quando quero encontrar alguém a quem olhar e com quem falar. Por certo não basta essa deliciosa figura branca que vejo nas água claras; mas é sempre alguma coisa e antes ela do que nada. Quando êle também fala, é triste quando sou triste. Simpatisa comigo e encoraja-me, dizendo: "Não

te abatas, pobre queridinha. Serei tua amiga".

Sim, é minha amiga, minha única amiga, minha irmã.

Na primeira vez em que ela me abandonou! Ah! Não o esquecerei! O coração petrificou-se no meu peito. Gritei: "Ela era tudo que eu tinha, e agora partiu!" E no meu desespêro acrescentei: "Despedaça-te, coração meu! Não posso mais suportar a vida!"

Escondi o rosto nas mãos e não queria ser consolada...

...Mas quando, um minuto depois, retirei minhas mãos, a figura estava lá novamente, brilhante e formosa... atirei-me nos seu braços...

Foi perfeita minha felicidade! A felicidade que eu conhecera antes dêsse momento era diversa; naquele instante conheci o êxtase! Nunca mais duvidei da figura. Algumas vêzes ela permanece invisível um hora ou duas, ou mesmo um dia inteiro, mas esperava sempre confiante. Dizia: "Ela está ocupa-

da...” ou: “ela viaja, mas voltará.” E era exato; ela voltava sempre. De noite, se estava muito escuro, ela não vinha, porque é muito tímida, mas quando havia luar, aparecia. Eu por mim não temo a escuridão; ela, porém, é mais nova do que eu, nasceu depois de mim.

Visito-a freqüentemente. É o meu consôlo, o refúgio, quando se me faz penosa a vida... o que acontece fàcilmente.

Terça-feira. — Trabalhei a

manhã tôda no jardim. Mantive-me intencionalmente longe dêle, esperando que se sentisse solitário e viesse procurar-me... Mas não veio. Ao meio dia parei de trabalhar e descansei divertindo-me a saltar aqui e ali com as abelhas e borboletas. Alegravam-me tôdas essas esplêndidas criaturas, e as flores que obtêm no céu o sorriso de Deus e o encerram nas suas corolas... Colhi flôres e compus coroas e capelas com que me enfeitei para ir fazer a minha refei-

ção habitual. Depois, sentei-me na sombra... Desejei-o, e esperei-o... Mas em vão. Não faz mal. Provàvelmente não o impressionaria. As flôres não o preocupam e êle as chama "tolices". Não distingue umas das outras, e orgulha-se disso. Não se interessa por mim; não se interessa pelas flôres; não se interessa pela côr do céu na hora do crepúsculo. Preocupar-se-á com alguma coisa que não seja construir abrigos com os troncos das árvores, para se preservar da

boa chuva clara, ou abrir os melões a pedradas ou comer uvas, ou apalpar os frutos para saber se amadurecem?

Num pedaço de madeira sêca ensaiei abrir um buraco com o auxílio de um cacête, afim de realizar certa idéia... mas passei por um susto horrível. Um transparente e ligeiro filete azul saiu e elevou-se do buraco. Larguei tudo, e fugi correndo. Acreditava que era um espírito e tive tanto mêdo! Depois de um momento, olhei para trás... Êle não

me perseguiu. Apoiei-me ofegante num rochedo para repousar e esperar que os meus membros deixassem de tremer... Então voltei com precaução, desconfiada e pronta a fugir se acontecesse alguma coisa.

Chegando perto, abriguei-me atrás de uma roseira, de que afastei os ramos para examinar atentamente a situação... (Gostaria que o homem me houvesse visto assim: era tão graciosa a minha posição!...) O espírito partira! Aproximando-me, vi

que havia no buraco da madeira uma pitada de delicada poeira rósea. Avancei o dedo... Gritei "uih!" e o retirei vivamente. Dôr cruel. Pus o dedo na boca e dansando alternadamente num pé só, resmungando e gemendo acalmei pouco a pouco a dor. A minha curiosidade voltou e examinei a coisa: Que seria aquela poeira rósea? De súbito o seu nome me rugiu, sem que antes o houvesse ouvido. Era *fogo*. Tive logo a certeza de

que assim era. Chamei-o, pois, *fogo*.

Criara alguma coisa. Acrescentara uma nova qualidade a tôdas que já possuem os sêres inumeráveis. Senti-me orgulhosa da façanha, e corri em busca do homem para lhe narrar minha aventura e elevar-me na sua estima; mas, refletindo melhor, não o fiz. Êle me perguntaria para que servia o fogo... e o que responderia eu?

Efetivamente, o fogo é apenas lindo: não serve para nada.

Suspirei e desisti de procurar o homem. Evidentemente o fogo não serve para coisa alguma. Não pode construir uma cabana, melhorar os melões, apressar a maturidade das frutas; é inutilidade, tolice e vaidade. Despresá-lo-ia o homem, e dêle falaria em têrmos ferinos... Eu, por mim, não o achei despresível e gritei: — "Ó fogo, ser delicado e róseo, amo-te porque és belo, e a mim me basta êsse teu predicado!..." E ia aper-

tá-lo entre meus braços, mas estaquei a tempo, e descobri outro provérbio, tão parecido com o primeiro que receio uma repetição: "Experiência queimada teme o fogo".

Retomei os pedaços de madeira, e atritei-os novamente, e quando obtive certa quantidade de poeira de fogo coloquei sôbre um punhado de herva sêca, com a intenção de levá-la para casa, como divertimento, mas a ventania açoitou o fogo, que irrompeu com violência e se elevou furiosamente contra

mim... Atirei-o fora e fugi, às carreiras.

Quando me voltei, o espírito azul se elevava, flutuando e estendendo-se ao longo como uma nuvem. Immediatamente se me deparou o seu nome *fumaça*, conquanto, palavra de honra, nunca houvesse ouvido falar de fumaça.

Logo, através da fumaça, vivas claridades amarelas e rubras se agitaram. Chameias *flammas*, e era a primeira vez que eu as via! Elas subiam as árvores, fulguravam ardentes e luminosas, através

das volutas espessas de fumaça...

Prêsa de arrebatamento bati palmas, ri e dansei com entusiasmo... Era tão novo, tão estranho, tão maravilhoso e belo!

O homem chegou a correr, estacou, olhou demoradamente a cena, sem falar... Depois perguntou o que era tudo aquilo... Ah! foi pena que êle houvesse feito pergunta tão direta! Tive que lhe responder e, naturalmente, lhe disse que era o fogo. Se êle se aborreceu porque

eu o conheci antes dêle, a culpa não era minha. Não desejava desagradá-lo. Depois de uma pausa indagou:

— Como êle veio?

Ainda uma pergunta direta a que devia dar uma resposta precisa:

— Fui eu que o fiz.

O fogo avançava cada vez mais. O homem caminhou até junto do lugar em que êle começara e, olhando a terra, perguntou:

— Que é isso?

— Cinzas.

Apanhou uma pitada e examinou-a algum tempo, mas mudou de idéia e atirou fora a cinza; depois partiu...

...Não, nada o interessa.

Mas eu me interessara: as cinzas eram cinzentas, doces, finas e belas. E as brazas! Extraordinárias!

Encontrei as maçãs, afinal, e isso me contentou, pois sou jovem e tenho excelente apetite. Mas, oh! decepção, elas estavam fendidas e deterioradas... só na aparência,

porque, depois de as saborear, achei-as melhores do que antes. O fogo é belo... e desconfio que em algum tempo será útil...

Sexta-feira. — Eu o vi um instante, na segunda-feira última, ao cair da tarde. Esperava que me felicitasse pelos meus esforços para melhorar o jardim, pois tenho trabalhado muito e de boa vontade... Êle se zangara também por outro motivo: eu havia ensaiado mais de uma vez dissuadí-lo de ir às cataratas... Isso porque o

fogo me revelou um sentimento novo e distinto do amor, do desgôsto e de outros sentimentos que eu já experimentara — o *mêdo*. E é horrível! Gostaria de o haver ignorado sempre! Êle me oprime às vêzes, mata-me a felicidade, faz-me tremer. Apesar de tudo, não pude persuadi-lo, pois ainda não sentiu por si mesmo o mêdo, e não me compreende.

Terça, quarta, quinta-feira e hoje! Todo êsse tempo sem o vêr! É muito quando se está sòzinha; e todavia vale

mais ficar solitária do que ser mal recebida...

Preciso de sociedade, fui feita para isso (é o que penso), tanto que me criei amizades entre os animais. São encantadores e têm disposições, excelentes e maneiras perfeitamente amáveis. Não são nunca maus e não nos deixam sentir que nos consideram de mais nas suas reuniões. Sorriem e agitam a cauda, se a têm, e estão sempre prontos para tôdas as fugidas ou excursões que se lhes propõem. Considero-os

muito bem educados. Passamos juntos horas excelentes, e não me aborreci nesses dias nem me senti sòzinha. Só? Certamente que não! Havia sempre em tôrno de mim uma multidão inumerável de criaturas. Elas cobriam um espaço imenso, e quando me mantinha entre elas no rochedo e contemplava a planície infinita, inteiramente coberta de tapetes mosqueados, e como salpicados de mil côres... tudo isso ondulava como um oceano. Depois elevavam-se nesse mar, como

tempestades súbitas, formidáveis vôos de pássaros, e brilhavam como num ciclone, miríades de asas volteantes; e quando o sol rutilava nessas côres frementes, havia tal flamejamento, que sôbre os meus olhos ofuscados desciam forçosamente minhas pálpebras.

Sou a primeira viajante e a única.

Fizemos longas excursões, e percorri grande parte do mundo, quase todo êle, como eu penso. Quando marchamos é imponente o espe-

táculo e incomparável. Para viajar comodamente monto num tigre ou leopardo, porque êles têm o dorso coberto de uma pelugem branda, e feito sob medida para mim... e depois são animais tão bonitos! Entretanto, para as grandes distâncias ou para contemplar a paisagem, subo no elefante. Para chegar ao seu dorso é preciso que êle me transporte com a sua tromba; mas descer, faço-o sòzinha. Quando queremos parar o elefante sen-

ta-se e eu me deixo escorregar.

Os animais, principalmente os pássaros vivem em boa amizade uns com outros e nunca disputam. Todos falam e me dirigem palavras, mas sua linguagem deve ser a de países desconhecidos, pois não consigo entender nenhuma das palavras que usam. Entretanto êles, e especialmente o cão e o elefante, compreendem o que lhes respondo... Isso me envergonha, demonstrando que são mais inteligentes do que eu

e me superam e me desgosta, pois desejava ser a Experiência principal do mundo... Mas sê-lo-ei.

Aprendi muito, e agora sou instruida... No começo era ig_.orante. Durante muito tempo envergonhei-me de não ter a habilidade bastante, apesar de tôda a minha atenção, para estar presente no instante em que a água remonta para o lugar de que provém... o que já não me preocupa. De observação em observação, soube que a água nunca remonta duran-

te o dia. Fá-lo durante a noite, pois o rio seca, o que forçosamente aconteceria, se a água remontasse durante a noite. A melhor maneira de conhecer as coisas, é observá-las... então sabe-se; ao contrário, se nos baseamos em suposições ou em conjeturas, nunca chegaremos a ser efetivamente instruídos.

Podemos fazer suposições ou conjeturas, mas há coisas que não chegamos a advinhar. Precisamos de tempo e paciência para descobrir o

que procurávamos. E é magnífico que assim suceda, pois o mundo fica mais interessante. Se nada houvesse a resolver, como não seria abominàvelmente monótona a existência! É tão interessante (e creio que talvez seja mais interessante) continuar a procurar sem achar, como achar depois de procurar... Esse enigma da hora em que a água remonta, era um tesouro até que eu o compreendi... desde então todo o meu interêsse desapareceu, e

tive a impressão de que perdera alguma coisa.

Pela observação, adquiri a certeza de que a madeira flutua, assim como as folhas caídas, as penas, e vários outros objetos, todos enfim, que são sêcos. Então, raciocinando comparativamente, chegamos sem dificuldade à evidência de que o rochedo deve flutuar... Contento-me com o conhecimento dêsse fato, pois até o presente não há nenhum meio de tirar a prova... Mas se algum dia encontrar êsse meio, renas-

cerá completamente o meu interêsse.

No íntimo entristece-me o pensar que, desde que tenha descoberto tudo, nada mais me interessará... e gosto tanto dessa excitação que me domina pela idéia de um mistério a penetrar! À custa de refletir, perdi ùltimamente tôda uma noite de sono.

No comêço não chegava a compreender para que me haviam feito, mas penso agora que foi para descobrir os segrêdos dêste vasto e maravilhoso universo e para ren-

der, por êle, graças ao Criador. Acredito e espero que ainda tenha muito que aprender. Se me contento com pouco e não me apresso, terei assunto ainda para algumas semanas. Desejo ardentemente moderar a minha atividade.

Quando solto uma pena, vejo-a voar, vogando no ar até que não a percebamos; quando solto um torrão de terra, acontece diversamente, e êle cai. Ensaiei-o mil vêzes, e sempre com o mesmo resultado. Por que? Na-

turalmente o torrão não cai, mas a coisa se passa como se êle caísse... deve ser uma ilusão de óptica... quero dizer que um dos dois fenômenos se explica por uma ilusão de óptica: será a queda do torrão, ou o vôo da pena? É escolher.

Levaram-me as minhas observações a predizer que as estrêlas não durarão. Vi algumas — e das mais belas — desmancharem-se e cairem. Desde que assim aconteceu com uma delas, o fato poderá ocorrer a tôdas, não

importa em que noite. Sei que essa desgraça sucederá... Quero tôdas as tardes me dispor para as olhar tanto quanto me fôr possível manter-me desperta. A fim de gravar a lembrança dêsses campos de estrêlas, de maneira que, depois de seu desaparecimento, possa à minha vontade, substituir no céu essas inumeráveis e esquisitas flores brilhantes... que então se desdobrarão através do véu de minhas lágrimas.

Depois da queda

Quando recordo o passado, o jardim afigura-se-me um sonho. Era belo, assombrosamente belo, maravilhosamente belo. Perdi-o agora e nunca mais o verei.

Perdi o jardim, mas achei-o a êle, e sou feliz. Ama-me com tôdas as fôrças e eu o amo com o ardor de meu temperamento apaixonado... e isso é próprio, acredito, de minha mocidade e de meu sexo. Se me pergunto porque o amo, vejo que não sei

o motivo, o que não me altera o sentimento. Suponho que essa espécie de amor cabe na categoria de coisas que se medem, e a respeito das quais podemos raciocinar... Nada sei, mas acredito que assim seja. O canto de certos pássaros me apaixona, mas êsse não é o caso de Adão. Não, não é êsse; ao contrário, tanto mais êle canta, menos me atrai. Peço-lhe para cantar, pois gostaria de amar tudo que o interessa. Espero conseguí-lo; a princípio não suportava

ouví-lo e agora posso. Com isso o leite talha, mas náo importa, pois posso habituar-me ao leite azedo. Não é também por causa de sua inteligência que o amo. Êle não é censurável por sua inteligência desde que não a fêz, e basta êsse motivo. Sei que há evidentemente para isso razão profunda. Acredito que, com o tempo, êle se desenvolverá, mas não de repente. E depois, não há urgência. Acho-o bem, tal como está.

Não é por sua graça ou por suas maneiras delicadas que o amo. Não, a êsse respeito êle não é admirável, mas está bem tal qual é, e além disso progride.

Não é porque trabalho que o amo, não; não é êsse o motivo. Desconfio que o impulsiona uma fôrça íntima, que não sei porque ma oculta. Eis o meu único desgôsto. Em tudo mais é franco para comigo e estou certa de que não me cala coisa alguma. Aflige-se que tenha segrêdo para mim, e chego

a perder o sono, mas, enfim, cuidarei de não pensar nisso. Não quero que assim se perturbe uma felicidade que, para tudo o mais, é infinita.

Não é a sua instrução que me faz amá-lo... Também não é êsse o motivo. Êle instruiu-se sòzinho, e sabe realmente muitas coisas, que infelizmente nem sempre são exatas.

Não é por sua galanteria para comigo, que o amo, ainda não é essa a razão. Falou mal de mim antes, mas por isso não o incrimino, pois é próprio do seu sexo, que não

foi êle quem se atribuiu. Naturalmente eu nunca falaria dêle, preferia antes morrer; mas essa minha atitude deve ser particular ao meu sexo e não devo glorificar-me, porque também eu não me atribuí o sexo que tenho.

Mas então por que motivo o amo? Acredito que *simplesmente porque é um homem.*

Êle é bom no íntimo e o amo pela sua bondade, mas o amaria se fôsse mau, e até mesmo se me batesse e me atormentasse. Presumo ha-

ver nesse sentimento uma manifestação do sexo.

Êle é forte e esbelto. Amo-o por isso, admiro-o e sinto-me orgulhosa com êle; mas o amaria sem tais qualidades. Se êle fosse feio amá-lo-ia, assim como se êle fosse raquítico, e até trabalharia para êle, como sua escrava, sua coisa, sempre a seu lado, até que êle morresse.

Sim, creio que o amo simplesmente porque é *meu* e é *homem*. Não vejo outro motivo. Eis a razão porque há

pouco observava não poder estar êsse amor na categoria de coisas pesáveis e medíveis... Êle chega, e ninguém sabe de onde vem, ou como explicá-lo... e não há nenhuma necessidade de explicação.

Assim penso eu, mas, em suma, sou apenas uma rapariga, a primeira que examinou essas questões, e pode suceder que a minha ignorância e inexperiência me tenham levado ao êrro...

Meu voto e oração é que possamos partir dêste mundo. Êsse voto não desaparecerá nunca da terra e se encontrará, até à consumação dos séculos, no coração das mulheres amorosas... E chamar-se-á o voto de Eva.

Mas se um de nós tem de partir primeiro, suplico ardentemente seja eu, porque êle é forte e eu fraca; eu não lhe sou necessária e êle me é indispensável... A vida

sem êle não seria vida... e como a suportaria eu?

Esta oração é também imortal e incessantemente a repetirão os lábios de minhas filhas, enquanto as houver neste mundo.

Sou a primeira mulher e estarei presente e viva na última mulher que existir.

No túmulo de Eva

Adão escreveu: "O Eden estava sempre onde ela se achava".

EXCERPTOS DO DIÁRIO DE ADÃO

Segunta-feira — Encontro sempre no meu caminho a criatura de cabelos compridos. Volteia em tôrno de mim, e segue-me por tôda a parte. Não gosto disso; falta-me o hábito das companhias. Preferia que ela fi-casse entre os outros animais...

Pelo céu nublado e pelas ventanias dêste, acredito que nós vamos ter aguaceiros... Nós? Onde encontrei essa palavra? Ah! lembro-me que dela se serve a nova criatura.

Terça-feira — Examinei as grandes cataratas, que me parecem o que há de mais belo na propriedade. A nova criatura chama-as *Niagara*... *Cataratas do niagara*... Por que? Não posso saber! Ela diz que aquela cachoeira parece com as catafratas do

Niagara! Não há sentido ou razão nessa afirmativa. Falta-me oportunidade para aplicar nomes aos objetos; a nova criatura me antecipa sempre no denominar tudo que aparece; a mim não me fica tempo nem para protestar. Sempre se escuta com o mesmo pretexto, dizendo: "Parece com...". O pelicano, por exemplo. Mal o percebeu, ela exclamou: "Parece com o pelicano". Devo conservar-lhe o nome, apesar, de me sentir com isso humilhado, e aborrecido de ignorar as

vantagens que pode ter... Pelicano! Parece-se tanto com um pelicano quanto eu!

Quarta-feira — Construí um abrigo que me defendesse da chuva, mas não tive tranqüilidade, pois nêle se meteu a nova criatura. Quando ensaiei expulsá-la, correu água dos buracos com que ela espia e ela os enxugou com as suas patas, e fez barulho como os animais que sofrem. Preferia que não falasse tanto. Que infelicidade para ela! Até hoje,

nunca havia ouvido som de voz semelhante e todo ruído desconhecido soa estranhamente nesta grande solidão arborizada. Desagrada-me ouví-la e tenho a impressão de notas falsas. E, depois, o som dessa voz está sempre perto de mim, de trás de meus ombros, de um e outro lado, e até agora me habituei a ouvir sòmente sons remotos.

Sexta-feira — Ela nomeia incansàvelmente tôdas as coisas, a despeito de todos os meus esforços. Para a pro-

priedade eu havia encontrado um título excelente, belo e musical: Jardim de Eden. Ìntimamente ainda o chamo assim, mas de público não. Diz a nova criatura que êle está cheio de rochedos, florestas e poesia selvagem, e que por isso não se assemelha absolutamente a um jardim, mas a um parque e que essa é a idéia única que êle nos inspira. Em virtude do que denominou a propriedade, sem me consultar prèviamente, *Parque do Niagara*. Como vai tudo isto! já

apareceu um aviso: "É proibido andar por cima da grama".

Ah! era muito melhor, outrora, minha vida!

Sábado — Come muita fruta, a nova criatura. Acabaremos por nos predispor. Nós? É a palavra que ela usa sempre e, tanto a ouvi, que se tornou minha também.

Houve esta manhã grande nevoeiro. Eu não gosto de sair com o nevoeiro, mas a nova criatura não se impor-

ta com isso, e sai sempre, e chega de pés molhados... E fala, fala! Não há mais tranqüilidade aqui.

Domingo — Cheguei ao fim da semana. Êste dia torna-se-me cada vez mais pesado. Separaram-no como um dia de repouso a partir de novembro passado, mas eu tinha já seis dias de repouso por semana.

...Vi a nova criatura junto da árvore proibida...

Segunda-feira — Disse-me que se chamava Eva. Está muito bem e nada objetei. Explicou-me que me dava a informação para que a pudesse chamar quando quizesse. Indicação supérflua! A verdade é que ela me disse aquilo para que eu a respeite, para que não a confunda com qualquer animal sem nome... Não sabe quanto me é indiferente que ela tenha ou não tenha nome .. Se ao menos fôsse embora, ou não palrasse tanto!

Terça-feira — Ela atravancou a propriedade com avisos e cartazes:

Estrada da Grande Cascata.

Estrada da Ilha das Cobras.

Atalho das Grutas.

Disse que seria o parque, se mais cuidado, uma excelente residência de verão. Residência de verão?! Que diabo será isso? Palavras sem sentido. Eu prefiro não lhe perguntar o que é: ela tem uma tal mania de explicações!

Sexta-feira — Implorou-me que não andasse perto das cataratas. Qual a razão dêsse pedido? Sempre fui às cachoeiras e gosto de mergulhar, pois me alegro com o frio e o movimento.

O destino das cataratas deve ser êsse. Não lhes descubro outra utilidade e não é possível que não estejam ali para alguma coisa. Ela diz que foram criadas para ornamento da paisagem, como o rinoceronte e o mammute.

Fui às cachoeiras num tonel, e ela se aborreceu: então apanhei uma bacia e de novo se zangou. Nadei com a minha roupa de folhagem e conquanto se admirasse, ela me repreendeu pela minha extravagância. Oh! preciso mudar-me!

Sábado — Há alguns dias fugi e caminhei durante dois sois e construí meu abrigo num local escondido e destruí, de trás de mim, as pegadas. Ela conseguiu encontrar-me com o auxílio de um

animal que domesticou, e a que chamou lobo.

Voltou a fazer barulho e a derramar água pelos buracos com que olha. Fui obrigado a voltar com ela, mas fugirei de novo na primeira ocasião. Ela se dedica a várias ocupações, cada qual mais louca; ensaia, por exemplo, descobrir porque os animais chamados leões ou tigres se alimentam de ervas e de flores, quando pelo que ela diz, os seus dentes parecem feitos para que êles se devorassem uns

aos outros. Idiotice, porque então êles se matariam e, tanto quanto posso saber, introduziriam aqui a *morte*, que é desconhecida no Parque. Sob certos aspectos, lamento que o seja.

Domingo — Terminada a semana.

Segunda-feira — Agora sei para que serve a semana: para que repouse no domingo.

...Ela procurou, outra vez, subir naquela árvore... Ti-

rei-a de lá. Ninguém vê! disse-me ela, que encontra nessa alegação justificativa para uma porção de coisas proibidas. Disse-lhe isso, e a palavra "justificativa" a encheu de admiração... e também, ao que penso, de inveja. Bela palavra, real-mente!

Quinta-feira — Disse que tinha sido criada com uma das minhas costelas. Duvidei, pois não me falta nenhuma. Por causa do busardo, ela se aborreceu: disse que a

essa ave não convinha alimentação vegetal, e receiava que com ela não se pudesse desenvolver, pois nascera para comer carniça. Por mim, penso que o busardo ficará muito bem com o que tem; não podemos alterar o plano do mundo para satisfação do busardo.

Sábado — Quando mais uma vez se mirava nágua, a nova criatura caiu e quase se afogou. Disse-me que era desagradável a sensação, e aborreceu-se com os ani-

mais que vivem nágua e a que chama *peixes*, pois persiste a denominar coisas e sêres que não precisam de nomes e que, além disso, não atendem a chamado. Ela agarrou uma porção de peixes e colocou-os em minha cama para os esquentar, mas não me pareceu que isso lhes aproveitasse. Ficaram ali durante o dia e apenas se tornaram mais tranqüilos; não me parecem mais felizes. Assim que anoiteceu os atirei fora, porque não vou dormir com aquelas coi-

sas na minha cama junto a mim. Aborreço êsses animais sem penas e sem pelos.

Domingo — Outra semana passada.

Terça-feira — Agora, ela se ocupa com a serpente, com o que se alegram os outros animais, que ficam mais quietos. Eu também gosto, pois a serpente fala, e tenho, por isso, alguma folga.

Sexta-feira — Disse-me que a serpente aconselhou-a

a experimentar o fruto da árvore, e predisse que ela se tornaria mais nobre e re-
quintada. Respondi que, de qualquer modo, isso havia de trazer a morte no universo. Nesse argumento houve grande descaso da minha parte, pois a capacitei imediatamente de que poderia salvar seu busardo doente, dando-lhe coisas mortas para comer. E depois seria melhor, na sua opinião, para os leões e os tigres. Aconselhei-
-a em vão a afastar-se da ár-

vore. Garantiu-me que não faria nada. Prevejo aborrecimentos. Vou emigrar.

Quarta-feira — Acabo de sofrer terríveis provações. Fugi ontem à tarde e, cavalgando um cavalo, galopei com a velocidade possível, na esperança de afastar-me do parque, e de esconder-me em outro país antes que principiassem os desgostos. Mas não devia acontecer assim. Uma hora depois de aparecer o sol, atravessava

eu uma planície onde milhares de animais brincavam, cantavam, voavam, corriam entre as árvores floridas. De súbito, houve um ruído de tempestades e todos êsses animais precipitaram-se uns contra os outros, entredevorando-se. Compreendi imediatamente: Eva comera os frutos da árvore... Os tigres devoraram meu cavalo, indiferentes às minhas ordens. Ter-me-iam também comido, se eu o houvesse permitido, mas saltei e corri

quanto pude para salvar a vida.

Descobri afinal um local confortável, fora do parque e onde ela me encontrou. Sem tardança denominou nossa residência nova — Tonawanda. A sua chegada não me aborreceu, pois havia pouco que comer, e ela trouxe alguns frutos proibidos que eu devorei com apetite. Violava meus princípios, mas verifiquei que os princípios só têm valor real quando está cheio o nosso estômago.

Ela trouxe também uma porção de vestuários de peles e pareceu-me ridículo dar tanta importância à roupa. Mas mudei de opinião, e se me contento pessoalmente com qualquer coisa, preparo-lhe lindas peles de animais, peles sedosas e suaves com que lhe faço lindas roupagens.

Ainda mais: ela me disse que, fora do bosque, precisamos agora trabalhar para viver. Então, ela me será utilíssima. Governarei.

Um ano depois

Chamamo-lo Caim. Ela o trouxe de um longo passeio que fêz às margens do Lago Erié... Encontrou-o a três ou a quatro quilômetros de distância, disse-me ela, que não sabe exatamente o ponto, e nunca teve precisão no espírito. Êsse tal Caim parece-se um pouco conosco, mas por isso não vamos dizer, como pretende Eva, que êle é nosso parente. A diferença de tamanho, no meu entender, basta para afastar a

idéia. Deve ser realmente uma espécie nova, provàvelmente um peixe. Todavia, quando o pus nágua êle afundou, mas a experiência não foi concludente, pois Eva atirou-se, e o trouxe logo. Continuo a acreditar que seja um peixe, mas Eva não dá importância ao caso, e não me permite novas experiências. Não compreendo as coisas. Depois que teve Caim, parece-me inteiramente mudada; inquieta-se mais com êle do que com todos os animais, sem saber o motivo.

Seu espírito se alterou. Às vêzes ela carrega êsse peixe durante tôda a noite, quando êle grita e quer provàvelmente que o ponham nágua. Outras vêzes passa devagar as suas patas, cem, mil vêzes, nas costas ou no ventre do peixe e deixa escapar sons muito meigos... Enfim, nunca ela fizera isso com os outros peixes, e eis o que me inquieta.

Outrora, antes de perdermos nossa propriedade, ela às vêzes carregava nos seus

braços um tigrezinho, mas sòmente por divertir-se e não o acariciava quando êle não queria comer.

Domingo — Aos domingos ela nada faz. Deita-se por aí, com o aspeto de cansaço, deita o peixe a seu lado e finge que lhe vai comer as patas. Êle ri, o que me enche de dúvidas, pois até agora não encontrei nenhum peixe que soubesse rir...

Enfim, acabei gostando dos domingos. Governar durante

a semana tôda, fatiga. Deveria haver maior número de domingos.

Quarta feira — Não é peixe, mas não consigo descobrir o que é. Tem berros curiosos e diabólicos quando não está contente e, quando alegre, diz: "gu-u". Não é de nossa espécie, pois não anda; não é pássaro porque não vôa; não é rã porque não salta; não é serpente porque não rasteja e porque tem membros. Sinto

também que não é peixe, conquanto não houvesse podido recomeçar a experiência e metê-lo nágua para ver se êle pode nadar. Gosta de ficar deitado de costas, a espernear. Nunca vi animal semelhante. Uma vez disse que era um enigma, mas Eva admirou a palavra nova sem compreender o seu sentido. Sim, é um enigma ou um grande besouro. Se êle morrer, verei como está feito por dentro. Nunca ficarei tão perplexo.

Três meses depois

Em vez de diminuir aumenta minha perplexidade. Quase não durmo, de preocupação. Êle deixou de ficar deitado de costas e agora caminha com quatro patas. Mas difere muito dos outros quadrúpedes por causa de suas patas dianteiras, extremamente curtas, o que faz com que a parte trazeira fique muito mais alta. É feio assim. A sua constituição é quase igual à nossa, mas a sua maneira de locomoção

prova seperabundantemente que êle não é de nossa raça. As partes dianteiras curtas e as trazeiras longas o filiam à famîlia Canguru, mas de espécie nova, pois os cangurus saltam e êle não. Por haver descoberto essa espécie asseguro-me a glória, dando-lhe meu nome, e chamei-o "Cangurus Adamienses". Devia ser um pequeno o que Eva encontrou, pois depois êle tem crescido. Deve estar agora cinco vêzes maior e, quando não está contente, faz de vinte duas a 38 vêzes

mais barulho. Renunciei a usar a fôrça, quando vi que não dava resultado. Eva o domina pela doçura e dando-lhes objetos que antes havia dito que lhe recusaria. Já declarei que Eva o encontrara na floresta, conforme me disse. Parece incrível que seja o único de sua espécie e, entretanto, passei semanas procurando descobrir outro, com que aumentar a minha coleção, também oferecê-lo como brinquedo a êsse outro, na esperança de o domar. Mas não encontrei nem

traços. Entretanto êle vive no chão e não corre depressa: como não dera vestígios? Preparei armadilhas, com as quais agarrei tôda espécie de animaizinhos, menos êsse.

Três meses depois

O canguru continua a crescer, o que me parece estranho e até inquietador. Nunca vi animal que levasse tanto tempo a crescer. Agora êle tem pelos na cabeça, não como os outros cangurus, pois se parecem mais com

os nossos, conquanto sejam vermelhos e não pretos. Perco-me em suposições sôbre essa estranha fantasia zooló-
gica. Se ao menos pudesse apanhar outro... mas é inútil pensar nisso. Trata-se de nova variedade, de que só existe aquele espécimem, evidentemente. Agarrei um canguru verdadeiro e trouxe-o para casa, pensando que o nosso gostaria de um companheiro de sua raça no meio dêsses estranhos com que vive; mas não acertei, pois mal viu o verdadeiro

canguru, êle berrou e agitou as suas patas com tal horror, que ficou manifesto que anteriormente nunca o havia visto. Comoveu-me o destino dêsse pobre ser isolado, mas nada posso fazer por sua felicidade. Desisti de o domesticar, pois quanto mais o procuro, pior vai a coisa. Doi-me vê-lo encolerizado e o libertaria se não fôsse Eva. Talvez haja de sua parte crueldade, de resto destoante de sua conduta normal, mas talvez tenha razão, pois

o que faria êle sòzinho na floresta?

Cinco meses depois

Não é um canguru. Não é; todavia, desde que se pode manter nas suas patas traseiras, ainda que por pouco tempo, parece-me mais com um urso. Indubitàvelmente faltam-lhe a cauda e o pelo, menos na cabeça, mas acredito que é um urso. Continua todavia a crescer e os ursos concluem mais cedo o seu desenvolvimento. Os que

demoram mais no crescimento são os mais perigosos e só me tranqüilizarei depois de açaimar êsse. Propus a Eva dar-lhe um lindo canguru vivo se ela consentisse em livrar-se do urso; mas não houve meio de o conseguir: parece-me que está decidida a afrontar todos os perigos. Ela não era assim, antes de perder o espírito.

Quinze dias depois

Examinei-lhe a guela. Ainda não há perigo, pois tem

um dente só. Falta-lhe a cauda. Faz mais barulho do que nunca, principalmente de noite. Vou deitar-me noutra parte. Mas volto cedo de manhã para lhe examinar os dentes. Se lhe nascem muitos, será tempo de me precaver, pois um urso é sempre perigoso, com ou sem cauda.

Quatro meses depois

Durante um mês, fui caçar e pescar na região que Eva denomina Búfalo. — Não sei

porque, a menos que seja por que lá não existem búfalos. Durante êsse tempo, o urso aprendeu a andar com as patas trazeiras e tem sons que parecem dizer Pe-pa! e Mo-ma! Certamente que é uma nova espécie. Êsses sons assemelham-se a palavras e, conquantos fortuitos, e sem significação, não deixam de ser curiosos, pois nenhum urso o faz. Essa imitação da palavra humana (a qual recorda o papagaio), a ausência de pelo e de cauda indi-

cam suficientemente que estou diante de variedade totalmente nova. Será muito interessante estudá-lo detidamente. Enquanto espero vou partir para uma grande expedição nas florestas do norte, onde farei investigações minuciosas. Por certo que haverá outro em qualquer parte; e êle será menos perigoso quando tiver companheiro de sua própria espécie. Vou partir imediatamente, mas antes quero açaimar o que fica.

Cinco meses depois

Viagem extenuante e sem resultado. E durante êsse tempo, sem sair de casa, Eva encontrou outro! Nunca vi tanta sorte! Eu poderia correr essas florestas durante séculos inteiros, sem ter essa felicidade.

No dia seguinte

Comparei o novo com o antigo e vi claramente que são da mesma espécie. Ia empalhá-lo para a minha

coleção, mas Eva rebelou-se, não sei com que motivo, contra o meu projeto. Abandonei a idéia, conquanto certo de que estava com a razão. Será uma perda enorme para a ciência que mais tarde não os haja mais. O mais velho tagarela, e ri como um papagaio. Tem, como o papagaio, extraordinária faculdade imitativa.

Não me surpreenderia que êle se revelasse, no final, uma nova espécie de papagaio de quatro patas e sem penas, mas digo isso por di-

zer, pois acreditei que êle ia ser tal ou qual animal: desde que, de início, se me afigurou um peixe. Tão feio como o primeiro no começo, é o novo: tem a pele enrugada e a cabeça sem pelos. Eva chama-o Abel.

Dez anos depois

São filhos nossos. Há muito que o descobrimos. Ficamos tanto tempo perplexos porque êles eram ao nascer, pequeninos.

E agora temos também filhas.

Abel é um excelente rapaz, mas se Caim houvesse continuado urso seria melhor para todos.

Depois de tantos anos, vejo que me enganei a respeito de Eva. Reconheço hoje que é melhor viver fora do Parque com ela, do que no Parque sem a sua companhia. No início achava que ela falava muito, mas agora ficaria triste se essa voz não ressoasse perto de mim, pois sem ela não haveria aprendido o sentido da Vida.

A ÚLTIMA CABEÇADA

Novela Alegre, mas Moral

I

— Tenho a certeza — disse o Marquês, acendendo outro cigarro — de que, se se examinasse a vida de todos os grandes libertinos arrependidos, encontrar-se-ia que *perderam sua última batalha;* quero dizer, que sua última cabeçada foi um lôgro, uma derrota, um Waterloo.

— Que reacionário é êste Marquês! Olhem com que arte, no exemplo de que se valeu, a virtude faz o papel da Santa Aliança, restauradora de Luís XVIII e do antigo regime!

— Também se poderia dizer — replicou o preopinante — que, em meu exemplo, a virtude faz o papel da árida rocha de Santa Helena, sendo êsse o caminho que Napoleão tomou depois de sua derrota...

— Mas não o tomou senão a fôrça, senhor Marquês, e

intentou muitas vêzes escapar-se!

— Pois então, Duque, prescindimos do exemplo. Em troca estou mais decidido do que nunca em sustentar minha tese: "Ninguém deixou de ser libertino no dia seguinte de um triunfo. Todos os Lovelaces se abraçaram à virtude no dia seguinte de um malôgro".

— Marquês... — exclamou o General X, que até então estava calado —: muito insiste nessa idéia; o que

me faz presumir que falará por experiência própria! Foi muito libertino na sua juventude!

— Nada mais que o puramente necessário!

— E logo, imediatamente, converteu-se em homem de bem quando ainda podia aspirar a novas glórias?...

— Eu o creio! Ainda não tinha completado trinta anos, quando me retirei do mundo e me casei com Eloísa... Não esperei, como Carlos V, estar cheio de reumatismo

para abandonar os campos de batalha!...

— Pois vamos ver; comprove-nos a tese, contando-nos a derrota que precedeu a sua retirada de Yuste.

— Sim, sim... que a conte!

— Com muitíssimo gôsto, senhores! Qual o velho que não lhe agrada recordar suas aventuras amorosas, ainda mesmo aquelas em que foi pouco feliz? Perfeitíssimamente recordo-me do *fato* que determinou minha *abdicação!*

— E foi, com efeito, um malôgro?

— Horrível! Providencial, para melhor dizer! — Porque os advirto que não me derrotou nenhum homem mais agradável do que eu, a beldade de que se tratava; nem tampouco me derrotou o desprêzo desta; nem tampouco derrotei-me a mim mesmo...

— Bravo, Marquês! Essa última frase é digna da Côrte de Luís XVI!

— Não, não foi por minha culpa, de maneira alguma...

— prosseguiu o Marquês, mordiscando o cigarro —. Derrotou-me a Providência!

— Vejamos, vejamos! Basta já de prólogo! Nosso interêsse não pode estar mais excitado.

— Muitíssimo grato, Duque. Pois, senhor, o caso foi o seguinte:

II

— Começarei por dizer-lhes que meu arrependimento, ou seja o malôgro que

vou contar-vos, não data, como supondes, da época de meu enlace com Eloísa.

— Oh! Já compreendemos que seria anterior...

— Nada disso! Foi posterior. Estava falsamente curado quando me casei; isto é, eu era ainda um libertino impenitente, quando conduzi ao altar Eloísa; e, se me casei com ela, foi por mêdo de não encontrar, no futuro, outra mulher de iguais virtudes, digna de guardar minha honra e de ser mãe de meus filhos. Mas ainda que dis-

sesse: *Late angis in herba!* Ainda não estava arrependido! Ainda não havia formado propósito de emendar-me! Ainda não havia passado pela dita derrota!

O Marquês chupou detidamente o cigarro até reavivar a chama; deu um suspiro, e continuou:

— Estava já há três anos casado com essa adorável Marquesa, que todos conheceis, e a cujo talento e bondade fazeis justiça...

— Oh! a Marquesa é um anjo!

— Pois acrescentai que era também jovem e formosa. .

— Formosa... se-lo-á sempre! — exclamou o Duque.

— Eloísa é a mulher que mais aprecio hoje em Madrid.

— E jovem... ainda o é! — acrescentou certo rapazote muito elegante.

— Assim parece! — replicou o Marquês, muito orgulhoso e contente —. Mas aqui, entre nós. devo dizer-vos que tem quarenta e cinco anos. Pelo menos, eu

tinha mais dez do que ela, quando a conheci, e tenho cinqüenta e quatro feitos... Se me ouvem! Enfim, volto à minha história.

Estava eu naquele tempo (como continuo hoje) verdadeiramente enamorado de minha mulher; reconhecia tôdas as suas belas qualidades; considerava-me feliz em haver ligado minha vida à sua; proclamava que o casamento tinha idubitàvelmente muitas vantagens... *Mas*...

— *Mas*... tinha você sido libertino!...

— Justamente! Havia sido libertino!... Havia-o sido, e ainda me restava no coração algo daquele satânico desejo do bem alheio, que constitui o caráter de todos os conquistadores de povos e de mulheres!

— Soberbo! Edificante! Está falando como um livro, senhor Marquês...

— E era... — prosseguiu êste, contemplando de um modo melancólico a cinza do cigarro —, era que eu não entrara na virtude pelas portas do desencanto, da humil-

dade e da penitência! Era que meu casamento tinha sido um triunfo, uma fortuna, uma conquista mais!... Era que Deus não me tinha feito cair do cavalo, como a São Paulo!

— Sublime, Marquês, sublime!

— Parece que me explico! — exclamou rindo-se, e derrubando com o dedo mínimo a mencionada cinza. —. Não me chamará você hoje epicúreo, senhor Duque!

— Não dizemos nada. Continui.

— Pois senhor: aos três anos de casamento — recordo que num dia de canícula! — principiei a sentir que retornava o meu coração à libertinagem. O fantasma da *outra*, da mulher alheia, da mulher *nova*, do fruto proibido, começou a provocar-me no sereno horizonte de minha paz doméstica. "Eu quizera *desamortizar-me!* — comecei a dizer para mim mesmo —. Eu quisera reivindicar-me, recuperar-me, ressuscitar; provar a mim próprio que sou ainda um

homem perigoso, capaz de inspirar uma paixão e demonstrar ao diabo que, se até aqui tenho sido um modêlo de marido fiel, foi por meu gôsto, não por necessidade nem decadência; que não morri ao casar-me; que sou livre de fato; que ainda vivo Pelayo; que posso escalar as muralhas de meu cárcere quando queira, e que se moro nêle não é como um forçado à virtude, mas como voluntário de minha mulher!"

Pouco tempo depois de ocorrer-me estas atrocidades, filhas de minha impunidade, pareceu-me que a sorte, que o destino, que o nume em que crêem os jogadores, e quantos não se atrevem a fazer Deus cúmplice de seus projetos, estava de meu lado, e proporcionava-me a ocasião de realizar o ato de independência porque suspirava todo meu ser...

Redobrai vossa atenção, que vai aparecer a heroína do drama!

III

Vivia eu com Eloísa no campo, nas cercanias de Bayona, num daqueles *chalets* que tanto há por ali e que se alugam por temporada de verão. Encontrava-se situado o nosso na estrada que conduz a Pau.

Ainda não havia ferrocarris no Meiodia de França.

Precisamente fôra naquela espécie de quinta onde concebera eu (*a priori*, e em abstrato) a velhaca idéia de *faltar* solenemente à minha

cara metade; de ter uma aventura em tôda forma, previa a correspondente conquista; de aumentar um novo laurel aos de minha tempestuosa juventude. A soledade, o espetáculo da pagã natureza e a rápida visão das feiticeiras *veranistas* e banhistas, que passavam diante de nossa solitária vivenda, em soberbas carruagens, dirigindo-se a outros pontos do Pirineu, contribuíram sem dúvida para arrancar-me de minha casinha!

O campo... e, sobretudo o campo de França, tão povoado de divindades mitológicas com meias e espartilhos, é o mais terrível inimigo do casamento! A seda, no silêncio dos bosques, ruge de um modo que causa vertigem...

Em tal situação, pois, soube que uma antiga noiva minha, gaditana, com quem estive para me casar, e cuja mão não cheguei a pedir, sòmente porque me permitiu beijá-la várias vêzes quando a levava de braço, escoltada por uma tia viúva, e

por um antigo amigo desta, desde certa tertúlia inesquecível até à casa em que vivia; casa cuja chave não pude adquirir nunca, não por falta de vontade da jovem, parece-me, mas por excesso de vigilância da velha...

— Diga logo Marquês, que se afoga!

— Descançai que não vos direi o verdadeiro nome da interessada! Mas para entender-nos, será bom que a chamemos Antônia, Josefa, Dolores... enfim, como desejais.

— Preferimos Antônia. É muito bonito nome...

— E nome romano, clássico, próprio de estátuas seminuas...

— Pois bem: repito que *Antônia* chegara quase a tornar-se de minha *futura* em minha *pretérita*, e se eu lhe houvesse dedicado mais tempo, ou se a tia nos houvesse deixado mais espaço; e que um homem de meu feitio não devia, ou, por melhor dizer, *não quiz* chamar esposa à mulher que lhe merecia tal conceito.

Porque haveis de saber que o verdadeiro libertino não casa nunca com suas vítimas, nem com as que estão sujeitas a merecer semelhante nome. O libertino casa-se com uma santa, como a minha Marquesa, ou baixa solteirão às profundas do inferno. Êsses Tenórios vulgares, que acabam por pagar na Vicaria tudo o que devem ao sexo contrário, pondo-se nas mãos de uma eqüívoca filha de Eva que vingue a tôdas as suas predecessoras, são uns libertinos apócrifos, uns

impostores, uns falsos profetas do amor. Dê-me você fogo, rapazote. E vocês perdôem-me êstes entusiamos de ultratumba!... O homem de bom nascimento não perde nunca seu amor platônico à *arte*. Ademais, a teoria que mantenho pode servir de advertência às *incautas*. Ia dizendo que, por então, soube que aquela minha antiga noiva (casada já na madureza com um pobre amigo meu, da espécie predestinada, que, não o sentiu ao beijar a mão de Antônia antes de pedi-la,

ou era menos receioso e precavido que eu) habitava noutro *chalet* solitário, situado naquela mesma estrada, e a uma légua separado do nosso.

Não bem me inteirei do caso, procurei encontrar-me com o marido e com ela.

Alegraram-se ambos daquele encontro e daquela vizinhança; levei minha mulher à missa na mesma aldeia que êles costumavam ir; fiz as respectivas apresentações; mediaram duas longas visitas... — quero

dizer, almoçamos um dia em casa de Antônia, e Antônia e seu marido almoçaram outro dia na nossa —, e, com isto, tornamo-nos os quatro melhores amigos do mundo.

Minha pobre Marquesa não suspeitava de nada, e, contudo, a coisa não podia caminhar mais rápida. A lèguazinha que separava os *chalets* andava-se em meia hora, tanto no *tilbury* que tinham nossos vizinhos, como nos cavalos de montar que tínhamos minha mulher e eu; e em quanto ao cami-

nho do adultério, posso dizer que Antônia e eu caminhávamos a passo dobrado, de tal maneira, que já estávamos chegando ao fim de tão criminosa viagem.

Desde o meu primeiro encontro com ela compreendi que recordava aquêles beijinhos que noutro tempo depositei em suas mãos; e, mais abundantemente aproveitei todos os descuidos de seu espôso e de minha mulher para aumentar o catálogo dos antigos e reverentes ósculos com meia dúzia que

pude dar-lhe na face esquerda, outra meia dúzia na direita e um, de pai e muito senhor meu, na metade de sua perjura bôca; tudo isto dando voltas pelo nosso jardim ou pelo seu, enquanto seu marido e minha mulher — com remorso digo-lhes! — falavam de floricultura, ou mùtuamente contavam a felicidade que lhe dávamos, respectivamente, Antônia e eu... O que não podiam conseguir nunca os infelizes eram passear pelas mesmas alamedas que nós... Tal afã

— aparente — punhamos nós em perseguir flores de cardo, em falta de primaveris mariposas!

Porque estas cenas ocorriam em meiados de setembro.

— "No domingo meu marido segue para Pau, onde ficará três dias. Segunda-feira, depois que escureça — afim de que não chames a atenção dos transeuntes —, podes montar a cavalo e ires ver-me no meu *chalet*. Estarei no jardim, no pavilhão

grande, que, conforme hás de te lembrar, encontra-se no mesmo lado que êste, no extremo da cêrca, e confinando com o invernadouro. Procurarei, ademais, que a cancela não esteja fechada, mas encostada, e que o porteiro tenho ido à aldeia para algum recado que o entretenha muito tempo. Por conseguinte, poderemos dispor de duas ou três horas de absoluta liberdade, e sem risco de que alguém saiba.

Assim me disse Antônia na

manhã que almoçou em nosso *chalet* com seu marido.

Eu não pude deixar de admirar — e de sentir — a consumada sabedoria que revelava aquêle plano de batalha.

— É veterana — disse para mim próprio —. Alguém madrugou mais do que eu!

Mas, de qualquer modo, Antônia era ainda muito digna de personificar minhas pecaminosas ilusões. Vinte quatro anos; branca e cabelos pretos; estéril ainda; rica

de formas e graciosa de movimentos; risonha, impávida, terrível; com bôca de menino e olhos de mulher muito mulher..., como disse Perico Alarcón... tais eram os *sinais particulares* daquela beldade aos vinte meses de casada.

"Com olhos negros e
ardentes
como um encontro na
sombra!"

Parecia a estátua viva do pecado!

IV

Segunda-feira pela tarde recebi uma comunicação — *que eu mesmo me havia escrito*, disfarçando perfeitamente a letra — na qual o alcaide da vilazinha a que pertencia nosso *chalet*, prevenia-me que comparecesse àquela noite, às sete, perante sua autoridade, afim de inteirar-me de um gravíssimo assunto que me importava pessoalmente, encarregando-me muito de guardar segrê-

do, e *advertindo-me que fôsse só.*

A vilazinha estava distante, talvez uma légua.

— *"Foi um êrro; confundiram-me com outra pessoa"*, tinha pensado dizer à minha mulher... na volta.

Mas, de momento simulei grande alarme, muito mêdo e extraordinária curiosidade..., com o que parti logo, deixando minha pobre mulher muito aflita..., tão aflita que teve um momento em que temi desmaiasse!..., no qual não a deixei até que

seu coração se desafogou à custa de pranto...

- Já vês que não escondo nenhuma circunstância agravante de minha iniqüidade. Falsificador, embusteiro, verdugo..., tudo o fui ao mesmo tempo, sendo, além disso, traidor de uma fé jurada nos altares e ladrão da honra de um amigo confiante! Total: cinco infâmias.

O auditório ia se tornando sério.

O Marquês fêz uma pausa, e logo continuou em tom mais alegre.

V.

Era uma daquelas noites de névoa tão freqüentes nos Pirineus, durante oito meses do ano. Não se via nada, absolutamente nada. Nem sequer divisava eu meu próprio vulto!

Mas a estrada era reta, larga, plana: tinha árvores dos lados, e meu cavalo, inteligente, e que havia ido várias vêzes de nosso *chalet* ao de Antônia, não podia extraviar-se...

Considerei, pois, mais vantajosa que inconveniente aquela espessíssima névoa, imperturbável, por causa da escuridão da noite... Ninguém ver-me-ia no caminho, nem ninguém poderia conhecer-me no momento de entrar na casa alheia!

— Há um Deus que protege os enamorados! — disse para comigo alvoroçadamente.

E como me batia o coração! Meus amores com Antônia; aquelas tímidas, dis-

farçadas, escondidas e simbólicas conversas próprias do noivado com uma senhorita; aquêles rápidos e insuficientes beijos que imprimi em suas mãos de solteira; aquêles outros mais audazes, mas não menos rápidos, que havia imprimido em suas faces de casada e em sua ensinada e agradecida bôca; seus lânguidos olhares em nossas recentes entrevistas, sobretudo na última; tudo isso constituía, para mim, amorosa esperança, um mundo de

ilusões, de promessas, de indefectíveis venturas...

Que longa dívida ia cobrar! Uma dívida de cinco anos! E como custava pouco! Como me alegrava de não ter casado com Antônia, mas com minha santa mulher! Que sorte tão grande a minha! Ter um anjo por mulher e não ser um anjo a mulher alheia! Que diferente teria sido minha situação se tivesse casado com a ingrata que ia escarnecer nos meus braços a fé conjugal,

e tivesse logo me enamorado da doce prenda incapaz de pecado, que tinha por espôsa! Ó! dupla desventura! Nem uma nem outra me teriam amado então. Uma por má e a outra por boa, teriam me maltratado igualmente! E dessa maneira era meu o coração das duas: as duas se esmeravam em fazer-me venturoso amante. Seguia sendo o filho mimado do Amor, e o neto favorito de sua mãe Venus!

Por aqui ia nas minhas errôneas e detestáveis reflexões, quando tropeçou o cavalo e caí.

VI

— A queda de Saulo de que falava antes!

— Justamente! A queda de São Paulo! — replicou o antigo libertino, lançando uma grande baforada de fumaça, e seguindo com a vista suas azuladas espirais,

que foram enegrecer o teto do grande salão do *Cassino do Príncipe* desta vila — então Côrte —, onde se dava a presente conversa no tempo do último ministério Istúriz.

— Então... — observou um —, machucou-se...

— Não me machuquei nada, meu general!

— Pois então...

— Deixe-me concluir.

— Levantei-me ileso — milagrosamente ileso, se se

considera que a queda foi pelas orelhas do cavalo —; procurei o chapéu que me custou grande trabalho encontrar no meio das trevas; escovei-me, com ambas as mãos, como Deus deu-me a entender, e voltei a colocar-me na sela, não arrependido ainda — pois eu era mais teimoso que o Apóstolo dos gentios —, senão, ainda mais, cheio de maior impaciência para estreitar nos meus braços aquela pecadora, cujas vis promessas me haviam

feito deixar a minha bendita mulher, atribulada e angustiada na solidão de uma casa de campo, em uma noite tão triste, em terra estranha, contando os segundos, e temendo a cada instante pela minha liberdade e pela minha vida.

Mas isto penso agora; pois o que pensava naquela ocasião era nos atrevidos olhos de Antônia; em sua excitante bôca; em seu sedoso cabelo; em seus braços, que haviam

engordado desde que eu lhe dava o meu ao sair das tertúlias de outrora; em sua cintura, não menos grossa de quando eu bailava com ela, dizendo-me ao ouvido coisas eqüívocas, cujo sentido parafraseavam seus olhos e seu alento; em seus pés, ùltimamente, que eu pisei quantas vêzes quando íamos no carro acompanhados da sombra de Nino e de sua já destronada tia, a Carabanchel ou a Alameda de Osuna...

Meti, pois, novamente esporas no cavalo, e no fim de um quarto de hora, seus relinchos avisaram-me que estava próximo do paraíso de meus sonhos.

Enquanto o nobre animal, regozijava-se sem dúvida daquele modo, porque teria olfateado a vizinhança da hospitaleira parada em que já havia sido muito bem tratado duas ou três vêzes.

— Obrigado, bom servido:! — disse-lhe acariciando-o —.

Tu também amas esta mansão de venturas!

O cavalo respondeu-me com uma parada firme, como dizendo:

— Chegamos.

E, com efeito, através da névoa percebi duvidosamente um ponto de claridade, que compreendi era a iluminada janela do pavilhão no qual me aguardava Antônia.

Apeiei-me do cavalo; avancei pela margem do caminho, e topei com o portão.

Meu coração pulou de gôzo... Mas, logo, assaltou-me um mêdo muito natural.

— Estará fechada? Terá se arrependido Antônia? — perguntei para mim mesmo, com o receio próprio de quem comparece à primeira entrevista de tal classe.

Atei o cavalo na grade do portão e logo o empurrei, cedendo logo.

Era a porta que se abria!

— Bendita seja! — pensei cheio de agradecimento ante

aquela *formalidade* de minha adorada, e ante aquela facilidade do portão..., que me anunciava tantas outras facilidades.

Ao mesmo tempo, um fantasma branco delineou-se entre a bruma, e uma vez perto, trêmula, rouca de emoção e sobressalto, mas cheia também de infinita doçura, murmurou no meio das trevas:

— João, és tu?

— Sou eu, minha vida! — respondi estendendo os braços...

E apalpei uns suaves e mornos braços, e ouvi um gemido de prazer e um ardoroso rosto banhado em lágrimas, apoiou-se no meu; e a mesma doce voz, mais amante ainda do que no princípio, mas menos velada já pela inquietude, disse-me entre dois carinhosos beijos:

— Ai! João! Pensei que não voltarias nunca!

Era minha mulher.

VII

— Sim, era minha mulher! Encontrávamo-nos em minha casa, em minha própria casa, no jardim de meu *chalet* — semelhante em tudo ao de Antônia e ao de todos os *chalets* do mundo!

Quando caí do cavalo...

— Compreendido! Compreendido! (interrompeu o Duque). O animal voltou-se, como fazem sempre todos nesse caso, em sentido con-

trário à marcha que seguira até então...

— Exatamente! E, como eu, com o atordoamento da queda e com as voltas que dei para buscar o chapéu, desorientei-me por completo...

— É isso!... O cavalo preferiu regressar à casinha, a seguir correndo aventuras...

— Em uma palavra! Como tinha naquele momento algo de animal irracional, não percebi que podia muito bem estar retrocedendo.

— Bem! E que?

— Termine sua história...

— Esperamos o desenlace!...

— Que aconteceu depois?

— Nada! O que já disse: que estava em minha casa, e que tinha nos braços a minha mulher, a minha boa Eloísa, a vossa amiga a Marquesa...

— Bom!... Mas que fêz? Que disse?

— Bem! Levei-a para o pavilhão do jardim... (pois

também aquêle jardim tinha seu pavilhão correspondente, no qual havia estado me aguardando a pobre, para estar mais à vista da estrada): levei-a, digo, ao pavilhão do jardim..., e nunca mais tornei a ver Antônia, nem a pensar noutra mulher do que aquela legítima e santa, que me abraçou chorando de amor e de alegria, precisamente no momento em que acreditava ter em meus braços a sua rival.

— Pobre Antônia — exclamou o Duque —. Que noite teria passado?

Todos soltaram uma gargalhada.

VIII

— Quanto ao mais — concluiu o Marquês, fumando o resto do cigarro —, façam-me o favor de considerar agora o respeito que me causaria, desde então, aquêle cavalo, que me havia feito voltar ao caminho da virtude.

Se tivesse sido Imperador, como Calígula, te-lo-ia feito, não digo Cônsul, mas catedrático de Ética... Mas não era mais que Marquês, e vendi-o quase de graça, envergonhado de que um animal irracional fôsse, dentro de minha própria casa, mais digno que eu das bênçãos de minha confiante espôsa.

Composto e Impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S.A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225/235
em março de 1959
São Paulo